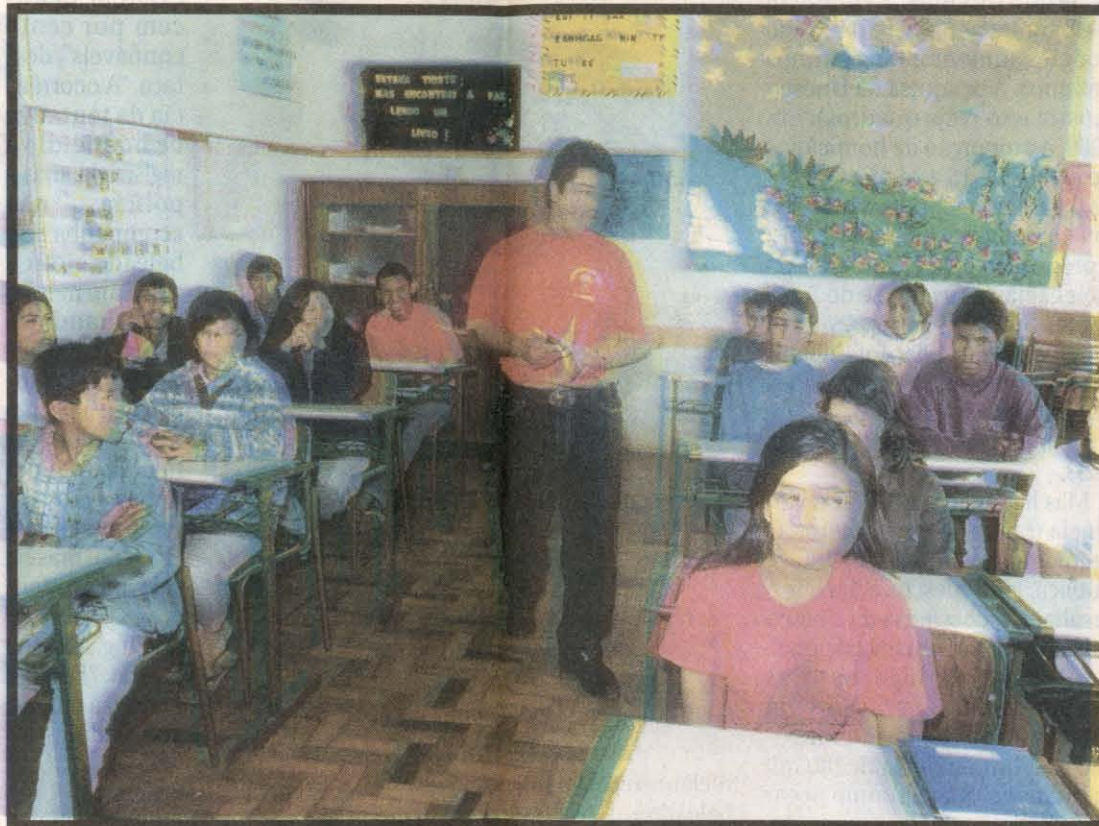


INSTITUTO
 Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte: C.B.
 Data: 20/8/2000 Pg 20
 Class.: Y641

VIDA DE ÍNDIO

Tupi or not Tupi?

Fotos: Irineu/divulgação



PEDRO KRESÓ APRENDEU A LÍNGUA INDÍGENA COM OS AVÓS E FEZ CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO PARA ENSINAR KAINGANG

Romário Schettino
 Da equipe do Correio

Dá para entender? Há índios que não falam a própria língua. É isso mesmo. Nem todos os indígenas brasileiros dominam o idioma materno. Das prováveis 1.200 línguas existentes em 1500, os linguistas contabilizam cerca de 170 sobreviventes. Muitos povos foram exterminados junto com suas línguas, outros resistiram mas tiveram que esquecer a história, a identidade, para se tornarem brasileiros. Há ainda aqueles que tiveram que

aprender línguas de outras tribos para não sucumbirem ao processo de extinção.

Além de proibirem as línguas locais, os jesuítas da Amazônia, no final do século XVII e início do século XVIII, impuseram o ensino de um único idioma baseado no tupi, completamente estranho aos nativos. No Nordeste, só os Fulnyô, de Águas Belas (PE), falam a sua língua. Outros, como os Pataxó (BA), Potiguára (PB), Truká (PE) e os Tupinikim (ES) estão adotando a fala de outros grupos para criarem a sua. Os Ava Canoeiro, de Goiás, são apenas 12 índios que

falam uma língua. Eles estão se misturando com outras tribos para garantir a sobrevivência.

O preconceito, o poder econômico e os hábitos europeus da sociedade branca sempre procuraram desmerecer a condição do indígena, obrigando-o, em muitos casos, a negar a própria existência. O índio Marcos Terena, piloto de avião da Funai, conta que quando foi estudar na universidade dizia que era japonês para evitar discriminação.

Há algumas décadas ser índio não era estimulado nem mesmo pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), antecessor da Funda-

ção Nacional do Índio (Funai), que acreditava mais na integração do que na preservação da cultura. Além disso, as invasões das terras, com a imposição da cultura branca, deixaram os índios arredios e temerosos de se apresentarem como tal. Falar a língua não só era proibido como se constituía numa vergonha.

HISTÓRIAS

Muitas mudanças aconteceram nas últimas duas décadas. A partir de 1988, com a nova Constituição, foram criadas as escolas diferenciadas para índios, com conceito inter-

cultural, bilíngüe e comunitário. É assim que funciona a Escola Kaingang Cacique Vanhkre, que fica no Parque Indígena Xapecó, em Santa Catarina.

Lá, existem cinco professores da língua kaingang: Leoci Lopes, Marilde Luís, Sirley Alves de Assis, Ivo Gabriel e Pedro Kresó. Aos 34 anos, Kresó, que fala fluentemente o kaingang que aprendeu com os avós, fez curso de especialização na Escola Agrícola de Ijuí para aprender a escrever. O alfabeto kaingang foi criado, nos anos 1970, por Úrsula Weisemann, pesquisadora do Summer Institute os Linguistics

(hoje Sociedade Internacional de Linguística). Ela editou, em 1971, o primeiro Dicionário Kaingang-Português-Kaingang e criou uma escola em Guarita (RS) para preparar os primeiros monitores bilíngües do Brasil.

Os professores índios e não-índios da Escola Cacique Vanhkre são nomeados pelo chefe da aldeia, que faz um contrato anual, podendo renová-lo depois de avaliação coletiva. A escola é mantida pelo estado de Santa Catarina. Os professores, com carga horária de 40 horas semanais, ganham um salário de R\$ 330, quando trabalham no ensino fundamental, e R\$ 420, quando dão aula para o ensino médio.

Cerca de 60% dos índios da reserva não falam kaingang, mas desde 1996 vem aumentando o desempenho e o interesse de todos. Há dois anos começaram a produzir livros em kaingang. Os textos são montados a partir de histórias coletadas pelas crianças junto aos mais velhos. Nesse trabalho são descritas as festas religiosas tradicionais, como o Kiki, dedicado aos mortos, receitas e remédios naturais.

O professor Silvio Coelho, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) acha que é "válida a alfabetização em língua indígena, independente do maior ou menor domínio por uma determinada população. A língua é o maior instrumento de manutenção de uma cultura". Ele apóia o que está sendo feito na Reserva Indígena de Xapecó, mas lembra que a Funai não cumpre seu papel para a eliminação da miséria.

Os jesuítas impuseram uma língua única a todos os índios, no final do século XVII e início do século XVIII. Muitos perderam a cultura, e até sentiram vergonha de assumir sua identidade. A escola kaingang tenta resgatar as raízes de uma importante tribo do sul do Brasil

Organização social rígida

As crianças do Parque Xaçecó vivem uma nova história. Muitos recebem "nomes do mato", como dizem, para substituir os Cleilson, as Venessa, as Elizete, com que são registrados nos cartórios. Sadito da Luz — ou Pin, que significa fogo em kaingang —, 15 anos, está na 8ª série e há três anos está aprendendo a língua. Ele disse que "é importante aprender kaingang porque é dessa maneira que a gente é conhecido como índio".

Esses meninos e meninas têm sonhos. Muitos querem ser professores bilíngües. Outros querem ser advogados, fitoterapeutas, jogadores de futebol. Vanessa Pereira da Silva, 13 anos, 8ª série, filha do ex-cacique, quer ser juíza de Direito. Elizete Mendes, 17 anos, 7ª série, quer ser fitoterapeuta e arrisca uma receita: "para sinusite, carqueija, com erva cidreira e casca de laranja". Ana Maria, 17 anos, 3º ano, quer ser odontóloga. Vilmar dos Santos, 13 anos, que tem mãe guarani, é pragmático: "Estou aprendendo kaingang para ver se isso me ajuda no futuro".

Estes jovens nunca saem da aldeia e estão proibidos de namorar antes da autorização paterna para o casamento. É preciso que os noivos estejam querendo e as condições econômicas sejam favoráveis. O controle social é rígido, para evitar a promiscuidade. Também possuem problemas de violência. Durante muitos anos esses índios viviam na periferia das cidades, adquiriram o hábito da bebida alcoólica e das brigas de rua.

O renascimento cultural promovido pela nova escola é vital para os índios. A diretora Eliane Maria Trevisan Cassol, da Escola Vanhkre, diz que hoje eles já se orgulham de ser kaingang. Batem no peito: "Eu sou índio". Os alunos aprendem, inclusive, a cantar o Hino Nacional brasileiro em kaingang como prova de que as culturas se respeitam. Na sala de aula, dois professores, um na língua materna e outro em português, atuam integrados para facilitar o aprendizado simultâneo. Os professores são capacitados nos centros de preparação estaduais, em Itapera, Camboriu e Lajes, sob a supervisão da Secretaria de Educação do estado e do Ministério da Educação.

NOME CASSADO

A Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkre, antes se chamava Vitorino Kondá. Mas a comunidade começou a pesquisar a vida de Kondá e descobriu que ele era "protetor de fazendeiro" e "perseguidor de grupos indígenas", por isso resolveu cassar seu nome da escola. Hoje, a homenagem é feita ao cacique Vanhkre, que é o responsável pela preservação das terras que fazem parte da Reserva Xaçecó.

Os três prédios da escola foram construídos pelo governo de Santa Catarina e custaram R\$ 800 mil. Uma oca, com 15 salas de aula, lareira em cada uma; um ginásio com espaço para mil espectadores, em forma de tatu, e um laboratório, com sala de exposição e espaço para cerimônias religiosas em forma de cágado estilizado. O complexo escolar tem 448 alunos, 384 crianças no ensino fundamental e 64 adolescentes no ensino médio. São estudantes de 6 a 22 anos. Os católicos são maioria. Os evangélicos, frequentam todas as 4ªs, 6ªs e domingos, igrejas como a Assembleia de Deus, Universal do Reino de Deus, Cadeia da Prece e a Unidos de Jesus.



A ESCOLA, EM FORMA DE TATU, É SÍMBOLO DA IDENTIDADE ÉTNICA

Regras da aldeia

A comunidade dos Kaingang, conhecida como Reserva Indígena de Xaçecó, tem 15.623 hectares, ocupados por 4.200 kaingang (4.070) e guarani (130). Fica em Ipuçu, oeste de Santa Catarina, a 700 quilômetros de Florianópolis. O município tem 8 mil habitantes. Com poder de voto, os índios querem administrar o município.

O exercício da organização começa em casa. O cacique dos Kaingang de Santa Catarina é Orides Belini, 42 anos. Não fala kaingang, mas entende a importância do ensino da língua e das novas tecnologias com condições para competir no mercado de trabalho.

A cultura começa pela arquitetura da Escola Cacique Vanhkre: "Uma oca, uma tartaruga e um tatu. Os animais são nossos alimentos naturais e estão em extinção. A oca é um símbolo do sistema indígena". Orides quer transformar a escola em um Colégio Agrícola Federal. "Somos agricultores, vivemos e morremos assim", enfatiza.

Orides tem a 4ª série e viveu 16 anos no município vizinho de Mangueirinha, como tratorista. No ano passado, voltou para administrar a aldeia, porque seu irmão, Valdo Correia da Silva, foi deposto — responde a 16 processos na Justiça, acusado de bebedeira, arrendamento irregular de terras, venda de madeira e desvio de dinheiro.

O novo cacique aceitou o cargo, com uma condição: instituir eleição direta, com mandato de quatro anos. O Conselho de Lideranças estabeleceu as regras. Todos votam a partir dos 12 anos de idade. "O cargo de cacique não pode ter caráter imperial, nós cometemos muitos erros, somos passageiros e temos uma vida curta", sentencia Orides.

Ele estabeleceu um sistema original na hierarquia do poder. Toda vez que tem de tomar

uma decisão reúne os 24 líderes da sua aldeia e leva o veredito para o Conselho de Lideranças das outras 12 aldeias. São 60 líderes. Cada aldeia tem um líder nato e mais dois escolhidos entre os mais velhos. O líder não pode beber, não pode se envolver com prostituição e só pode ter uma mulher.

Pequenos delitos na aldeia são punidos com pena alternativa — trabalho comunitário temporário. Se o índio é reincidente, o cacique manda o infrator para o pau, lugar onde fica amarrado de 2 a 6 horas, dependendo da gravidade do caso. Nos casos de homicídio, o criminoso é entregue para a Polícia Federal. A família da vítima é amparada pela comunidade. "Mas a viúva tem que agir de acordo com as regras", adverte Orides. Ele também não tolera tráfico de drogas. Entrega os envolvidos para a polícia e os expulsa da área.

O Partido Popular Socialista (PPS) é o único partido dos índios da reserva. O cacique controla tudo. Quer ser o candidato a prefeito com apoio do PPB de Esperidião Amim e do PFL. O irmão dele, ex-cacique Valdo, que também é do PPS, disputará uma vaga na Câmara de Vereadores. "Nós temos a metade dos votos e amplas condições de administrar o município", garante.

O primeiro contrato do Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf), do Ministério do Desenvolvimento Agrário, beneficiando uma comunidade indígena, foi assinado pelos Kaingang em 1999. Foram R\$ 251 mil para produzir 90 mil sacas de milho e 18 mil de soja. O cacique espera que no próximo ano consiga envolver 70% dos índios da reserva. Até agora, só 32% participaram. O projeto é fundar uma cooperativa para receber recursos e investir em tratores e tecnologia. (RS)

INSTITUTO

 Documentação
 Fonte: CB
 Data: 20/8/2000 Rg: 21
 Class.: 1641

